

## O TEATRO E OS DEUSES\*

Antonin Artaud

É porque a cultura não é escrita e, como disse Platão, o pensamento se perdeu no dia em que uma palavra foi escrita.

Escrever é impedir o espírito de se mexer, como uma vasta respiração.

Pois a escrita fixa o espírito e o cristaliza numa forma, e da forma nasce a idolatria.

O verdadeiro teatro, como a cultura, jamais foi escrito.

O teatro é uma arte do espaço e é pesando sobre todos os pontos do espaço que ele arrisca a tocar a vida.

É no espaço assombrado pelo teatro que as coisas encontram suas imagens e, sob as imagens, o rumor da vida.

Existe hoje um movimento para separar o teatro de tudo o que não é espaço e para reenviar a linguagem do texto aos livros, de onde nunca deveria ter saído. Essa linguagem do espaço age por sua vez sobre a sensibilidade nervosa. Faz amadurecer a paisagem escondida.

Não pretendo refazer aqui a teoria do Teatro no espaço, que age ao mesmo tempo pelo gesto, pelo movimento e pelo ruído.

Ocupando o espaço, o teatro acua a vida e a força a sair de seus refúgios.

É como a cruz de seis braços que espalha sobre as muralhas de certos templos mexicanos uma oculta geometria.

A cruz do México está sempre cercada, ela se encontra no centro de uma muralha, ela nasce de uma idéia mágica.

Para fazer a cruz, o antigo México se coloca no meio de uma espécie de vazio, e a cruz cresce em volta dele.

É uma cruz que revela como a vida entra no espaço, como volta a encontrar o princípio da vida.

Sempre o vazio, sempre o ponto, em torno do qual se condensa a matéria.

A cruz do México indica o renascimento da vida.

Os deuses do México giram ao redor de um vazio. Não nasceram do acaso, mas estão na vida como num Teatro, ocupando os quatro cantos da consciência do homem, nos quais se abrigam o som, o gesto, a palavra e o sopro que cospe a vida.

\* In: **Os Tarahumaras**. Décines (Isère): L'Arbalète, Marc Barbezat, 1963.